

## **Análise sobre uma biblioteca livre e o seu potencial de transformação social**

*Maria Luíza Viana de Aquino*<sup>1</sup>

### **1 Introdução**

“Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância” é a primeira missão elencada no Manifesto<sup>2</sup> da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas, datado de 1994, em uma relação de 12 itens que devem orientar as ações destas instituições e dos organismos envolvidos neste tipo de trabalho.

Numa outra parte do documento, a possibilidade de transformações sociais é posta como dependente do acesso à informação por parte das populações mais pobres. Tal afirmação demonstra a importância que envolve disponibilizar, de forma estruturada e fácil, o acesso a conteúdos.

A UNESCO é um organismo internacional que acompanha as transformações sociais e tenta orientar as gestões internacionais quanto aos melhores caminhos a serem traçados para as suas populações.

Alguns indivíduos em suas rotinas ordinárias, mesmo alheios a regras e instituições macrossociais, alimentam em si o propósito de ser vetor de mudanças em sua comunidade. Por isso, tomam iniciativas aparentemente simples, mas que, na verdade, preenchem

---

<sup>1</sup> Mestranda; Programa de Pós Graduação em Comunicação – UFC; malu\_vianaaquino@hotmail.com

<sup>2</sup> <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acessado em 26 de junho de 2019.

lacunas nos espaços públicos e suprem seus grupos de matéria prima tangível ou intangível indispensável para a transformação social.

Foi este aspecto da Livro Livre Curió que despertou o meu interesse para produzir esse trabalho. Uma iniciativa que precisava mobilizar um grupo considerável de pessoas e motivá-las a agir, que depende de constantes esforços para manter uma estrutura mínima em funcionamento e que tenta se tornar viável, autogerido e, mais do que isso, abraçado pela comunidade onde está.

Essas atividades não são simples mesmo para iniciativas administradas pelo poder público. Quando se percebe isso por parte de pessoas físicas, geradas por ações individuais, fica mais impressionante e interessante de ser estudado.

O presente artigo é resultado de um início de pesquisa etnográfica sobre essa experiência e o esforço empregado por um grupo de indivíduos para tornar real e autossustentada uma proposta diferente de socialização da literatura.

As teorias utilizadas para analisar essa experiência e o seu impacto na comunidade onde está inserida dá pistas de um caminho difuso mas promissor quanto aos resultados possíveis. Se essas expectativas se concretizarão, somente o tempo poderá dizer.

## **2 Como surgiu**

Meu primeiro contato com o Talles Azigon, fundador do LLC<sup>3</sup>, foi em um Clube de Leitura de uma Cafeteria de Fortaleza. Chamou-me atenção aquele rapaz articulado, que conversava com várias pessoas sobre obras da literatura das mais variadas. Posteriormente, adicionei ele em minha rede social e passei a acompanhar sua rotina, que estava sempre preenchida por atividades ligadas à literatura, seja eventos ou produções pessoais.

Algum tempo depois, recebi um convite virtual seu nesta mesma rede social para seguir a página de uma biblioteca que ele

---

<sup>3</sup> Para fins deste trabalho, a biblioteca Livro Livre Curió será nomeada com a sigla LLC, formada com as iniciais do nome.

estava montando no bairro onde mora, o Curió, e que funcionaria de maneira aberta, sem grandes controles quanto a empréstimo e devolução. O acervo seria constituído a partir de doações organizando no seu bairro e se chamaria Livro Livre Curió.

A LLC é cria do Talles, mas a iniciativa de compartilhar livros de forma aberta e espontânea com quem se interessasse surgiu, em Fortaleza, através de uma outra pessoa. Annita Moura, psicóloga e amante dos livros, tomou conhecimento de uma iniciativa como essa durante o tempo em que viveu na cidade de Brasília.

Durante seu período de estadia na cidade, aproximou-se de um movimento que consistia em disponibilizar livros a quem estivesse interessado na leitura sem a necessidade de registro dessas pessoas ou controle quanto à devolução. Essa ação acontecia em um açougue da cidade e chamava-se Açougue Cultura.

Voltando a Fortaleza, Annita Moura começou um movimento chamado Livro Livre CE, primeiro deixando exemplares em lugares aleatórios da cidade para que os passantes pudessem pegá-los e, depois, organizando uma biblioteca livre num pet shop, projeto chamado Garrateca Biblioteca Livre.

Talles e Annita se conheceram durante uma oficina de produção de eventos literários ministrado por ele. Na ocasião, ela relatou sua experiência e despertou o interesse dele por fazer algo parecido.

Talles aproveitou seu aniversário, dia 31 de março de 2018, e pediu aos amigos que ao invés de presentes dessem livros para a formação de uma biblioteca livre. Uma amiga sua soube da iniciativa e ofereceu uma estante para ajudar na organização do acervo. E, assim, surgiu o primeiro espaço da LLC, uma estante repleta de exemplares na sala de visitas da casa do Talles.

Um segundo espaço foi constituído posteriormente, a uma quadra de distância da casa do Talles. Neste espaço, uma casa alugada, mais estruturado e mantido através de um rodízio de pessoas, amigos do Talles, que se responsabilizam pela organização e limpeza, há mais livros em três estantes, uma mesa de estudos

guarnecida de canetas e papéis, um cômodo com recursos áudio visuais, como TV e DVD, outro cômodo que funciona como despensa, além de um quintal amplo utilizado para reproduções de audiovisuais e eventos diversos.

A LLC tem também um perfil na rede social Instagram, onde costuma serem divulgados os novos livros que chegam na casa, fotos com visitantes do projeto, cobertura de eventos onde o Talles e o grupo de organizadores comparecem, além de conteúdos diversos sobre o universo literário.

Este é um projeto que não nasceu por acaso, parido por alguém que teve um insight repentino. Talles Azigon, o organizador, participa da cena literária cearense há algum tempo e em diversos espaços, como a presença em clubes literários e a gestão de uma editora.

Todos esses fatos fazem da LLC um caso que pode ser estudado a partir de diversas perspectivas, todas elas vislumbrando a possibilidade de que indivíduos ajam de maneira difusa no intuito de gerar mudanças conjunturais em seus meios. Por isso, vale a pena debruçar-se sobre isso.

### **3 Primeiro contato**

Nossa primeira conversa se deu na cozinha da casa do Talles, sentados à mesa e tomando um café recém passado, enquanto sua mãe cuidava da limpeza do espaço e o seu namorado preparava o almoço.

Depois que me apresentei como estudante de Mestrado e expliquei brevemente meu objetivo com aquela visita, dona Rita, sua mãe, tomou a palavra. Desejou-me boas vindas, que eu tivesse um bom resultado com a minha entrevista e explicou a LLC era uma tentativa de melhorar a realidade daquele local, “fazendo algo acontecer em relação à literatura”, conforme suas palavras. Tudo se tratava de “um esforço em prol da cultura.”

Chamou-me atenção o seu movimento de iniciar a conversa sobre o projeto, pois deu indícios de que ela possuía um papel naquilo tudo. No mínimo, estava ali a matriarca, a patrona, apresentando a si e ao empreendimento. E ao relatar um pouco de sua trajetória, pude compreender o como e o porquê de ter surgido ali naquele grupo uma biblioteca livre.

Dona Rita foi educadora infantil numa creche estadual, no bairro Alto da Paz, região da Granja Lisboa, em Fortaleza. Na época, década de 80, Talles estudou nessa escola e, lá, teve o aprendeu a ler. Foi nesse espaço que ele teve os primeiros estímulos do que, posteriormente, se transformaria em amor à literatura.

A avó materna de Talles morava no bairro Maraponga, região que se formou através de ocupações de terrenos. Lá, ela mantinha um bar e, nesse ambiente de grande socialização, havia sempre muitos “causos” sendo contados tanto da senhora quanto de seus frequentadores. Formava-se então, o ambiente fértil para o apaixonamento desta família pelas histórias.

#### **4 Talles Azigon**

O protagonista desta história explica seu interesse pela literatura como consequência de uma avó que gostava de contar e ouvir histórias, de uma mãe educadora, de uma escola que possibilitou aos alunos do ensino fundamental participar da criação da sua biblioteca e do contato com os livros da Coleção Vagalume, popular nos anos 80.

Estes foram os fatos elencados por ele na primeira conversa que tivemos, para justificar sua paixão pelos livros, a sua escolha em atuar na cena literária cearense e seu consequente esforço em constituir a LLC. Mas fiquei a perguntar-me se estava diante de alguém fruto do seu meio ou de um literário nato que se dedicou a juntar os pontos disponíveis para trazer a tona uma subjetividade latente.

Durante a apresentação, expliquei que aquilo se tratava de uma entrevista para a produção de um artigo que precisava apresentar uma minoria organizada, assim como teorizar e problematizar a atuação desta. O termo minoria lhe causou e ele iniciou sua fala dizendo que era necessário “atentar para o que as palavras significam”.

Considereei inadequado iniciar a conversa que seria base para a produção deste artigo com uma discussão sobre minorias, posto que poderia enfraquecer a empatia ainda em construção e desviaria o foco do que interessava, que era compreender a gênese e a gestão do projeto. Porém, em sua fala Talles demonstrou ter propriedade para debater não apenas literatura: “somos uma maioria que é minorizada. Há um projeto político de nos minorizar. Mas não somos.”

A atuação de Talles na cena literária cearense é um aspecto importante para se compreender a LLC. Ele é escritor, editor, frequentador de grupos de leitura, produtor de eventos literários e organizador de oficinas sobre o assunto, tanto no Estado do Ceará como fora dele.

As oficinas surgiram como oportunidade de negócio, pois há uma visível popularização dos clubes de leitura desde as últimas edições da Bienal do Livro de Fortaleza mas poucas pessoas qualificadas para atuar especificamente nesse segmento, que exige mais espaços de interação do que outros eventos culturais, como de dança e de música.

Talles também é escritor e editor. A Substância, sua editora em parceria com alguns amigos, publica literatura contemporânea, ensaios sobre arte, traduções e outras obras “que forem interessantes”, em suas palavras.

Consta na sua trajetória a passagem pela graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, custo que ele não concluiu e acabou jubilado por faltas. Questionei o porquê desse fato, que julguei um contrassenso, e tive como resposta uma crítica contundente sobre a rigidez da formação acadêmica.

“Eu sempre fiz muita coisa, dentro do campo da arte também. E aí, quando eu tava na universidade, tipo, tinha aula de segunda a sexta, cinco disciplinas, eu ficava pensando que eu tava perdendo muito tempo, porque o tempo que eu tava ali eu podia tá fazendo outra coisa. E aí, tipo, perder tempo para algumas disciplinas totalmente irrelevantes, e com professores péssimos, com visões ultrapassadas. O curso de letras é muito ruim assim da UFC... é parado no tempo. Agora é que tem uma Suênia Honorato, que tem um Atilio Bergman, que tem um outro professor que são mais, que têm uma visão mais atual, contemporânea e interessante. Mas na época que eu fiz tinha pouco professor que me interessava como ideia, como conteúdo.”

Conversamos também sobre a popularização dos grupos de leitura e sua participação neles. Seu objetivo é se atualizar e aprimorar as habilidades de curador de conteúdo literário. E sobre o grande número de espaços para leitura e discussão de obras (ele frequenta os da Livraria Lamarca, Cafeteria Sublime, Clube de Leituras da Bel, Picnic Literário da UFC, Clube de Poesia do Pablo – Bandileitores), ele os percebe como um sintoma do desenvolvimento do mercado literário e, também, da carência da relação que seria típica da contemporaneidade, uma “sociedade cada vez mais carente de vínculos mais fracos”.

Para compreender a importância do projeto, vale a pena também dar uma olhada na comunidade onde ele foi constituído. Ao pesquisar sobre o bairro no Google, me deparo com duas matérias que demonstram extremos de uma mesma realidade. Na primeira matéria, encontro o depoimento de moradores sobre a tranquilidade de uma comunidade que conserva hábitos de municípios do interior, com muita convivência na rua entre vizinhos.

Há também a descrição de um lugar bucólico, com muitas árvores tanto nos espaços públicos como no terreno das casas, pedaço de Mata Atlântica ainda conversado e algumas lagoas próximas, apesar de não estarem disponíveis para banho no momento por causa da poluição.

Encontro, também, diversos relatos sobre uma chacina que aconteceu na região no ano de 2015, quando 11 pessoas foram assinadas por um grupo de policiais militares e cuja motivação até hoje não foi explicitada.

Esse acontecimento marcou a história do bairro como um estigma, e modificou o imaginário bucólico que antes ele possuía.

## 5 O projeto

“Uma biblioteca livre não tem cadastro, ela não tem registro, você não precisa preencher nenhuma ficha, e você não precisa devolver o livro num prazo determinado. Tipo você lê durante o tempo que precisa pra ler o livro, e aí você devolve na prateleira da biblioteca livre e, se o caso, passa o livro adiante se achar que outra pessoa se interessa em ler também.”

A ideia de uma biblioteca livre tem em comum com um espaço padrão apenas os exemplares disponíveis. O restante do funcionamento é diverso, ainda que o objetivo de difundir a leitura esteja presente no propósito do espaço.

Os livros dispostos nas prateleiras podem ser pegos por qualquer pessoa, sem a necessidade de que a mesma se cadastre ou forneça qualquer tipo de documentação. Também não há um acompanhamento sobre o tempo em que o leitor estará de posse do livro, podendo devolver a qualquer momento, ou mesmo não devolver. Na verdade, seria até mais interessante se aquele exemplar fosse passado para outras pessoas e, assim, circulasse ao máximo. “Não manter a leitura presa”, nas palavras de Talles.

O único registro pedido gentilmente que o visitante faça é um traço numa folha presa fixada na parede, para que, posteriormente, os organizadores possam fazer a contagem das visitas ao final do mês.

Enquanto conversávamos na cozinha, que fica no fundo da casa, uma turma de pré-adolescentes entrou na sala, cumprimentou a família com um grito e pegou alguns livros.



A concepção do projeto tem a premissa de construir uma biblioteca difusora de uma leitura sem barreiras, empecilhos ou dificuldades, de forma a garantir que o termo livre seja empregado em sua pureza semântica.

Talles relatou nunca ter havido comprometimento do acervo. Na verdade, a doação de livros é uma constante, além de haver campanhas de arrecadação através do perfil no Instagram com frequência. Além disso, ele percebe que mais da metade dos livros costumam ser devolvidos, alguns exemplares tendo retornado à casa mais de 4 vezes, de acordo com sua memória.

Alguns livros circulam entre os alunos das escolas do bairro. Essa informação foi repassada pelos pais das crianças, moradores do bairro, que estão sempre indo e vindo na rua da biblioteca.

A biblioteca funciona em dois espaços. O primeiro a ser constituído foi a estante na sala da casa da família (foto anexa). O segundo é uma casa alugada a uma quadra de distância.

Nesse espaço, bem estruturado, há uma mesa grande para estudos, mais três estantes, um quintal usado para projetar filmes e fazer eventos, uma sala nos fundos com equipamento audiovisual e uma saleta lateral que funciona como despensa.

Atualmente, a gestão do espaço é feita pessoalmente pelo Talles seu namorado e um pequeno grupo de amigos (ele não precisou a quantidade, mas percebi algo em torno de 4 pessoas). Há o desejo de que o os espaços sejam sustentáveis, autogeridos com a presença da comunidade nessa função.

O grupo encara a iniciativa como de um grande potencial de engajamento popular, porém ainda é necessário que arquem com a maior parte dos custos, especialmente Talles e sua mãe. Além deles, existe um grupo de cerca de 50 pessoas que doam mensalmente 10 reais para o caixa da instituição. O ideal seria 200 colaboradores.

Questionei ao Talles a possibilidade de haver uma campanha de arrecadação colaborativa, nos moldes do que o site Catarse possibilita. Contudo, seu entendimento é de que ainda não há uma

cultura do financiamento coletivo no Ceará, ao contrário do que já acontece de forma consistente no Sul e Sudeste do país, região onde vivem os organizadores do site citado.

No momento, é mais importante para ele que haja um processo de conscientização consistente por parte daquela comunidade. O resultado disso, em sua visão, é que logo a importância da biblioteca estará clara para os moradores do bairro e estes se aproximariam do projeto de forma mais natural, além de se abrirem a possibilidade de mudança da sua realidade.

Para divulgação das atividades do projeto, o principal meio de comunicação utilizado é o perfil da LLC na rede social Instagram. No dia 26 de junho, havia 1.348 seguidores.

Costuma haver ao menos uma postagem por dia e o conteúdo se refere a atividades diversificadas relacionadas ao projeto, tanto no espaço da sede como fora, em eventos envolvendo literatura. Há também conteúdos sendo produzidos e postados na ferramenta IGTV, em especial vídeos abordando o tema mediação de leituras.

A LLC também edita e imprime um jornal local chamado Folha Curió com informações sobre o bairro.

A publicação constante de conteúdos tanto na rede social como as edições do Folha Curió mantém vivo o projeto para um público que não frequenta o local, mas que legitima o movimento por ser consumidor de literatura.

Os posts costumam mostrar tanto os visitantes do espaço como também a presença de Talles e do grupo em eventos literários diversos, além de registrar as novas doações, mostrando a amplitude do impacto causado pelo projeto, mesmo situado num bairro de periferia.

## **6 Reflexões teóricas**

O esforço em disponibilizar à sociedade informações relevantes, que podem provocar mudanças em sua realidade,

costuma ser escopo de ações do poder público, ou, no mínimo, de grupos institucionalizados, cujo trabalho é construído a partir de verbas de planejamentos consistentes e perenes.

Ao deparar-me com uma ação que envolve responsabilidades pretensamente governamentais, organização profissional e planos de futuro, como é o caso da LLC, tive a atenção imediatamente capturada. Há aqui, certamente, algo diferente acontecendo.

Este tipo de ação difusa e local, ao mesmo tempo, tem sido estudado por diversos campos epistemológicos. Um conceito que fornece subsídios para compreender essa realidade é o de comunidades criativas.

Manzini observa que as mudanças sociais rumo a construção de vidas sustentáveis requer um processo de aprendizagem que possibilite aos indivíduos a assimilação e implementação de novas formas de estar em sociedade.

Para isso, será essencial haver uma diversidade de iniciativas locais que rompam com os padrões consolidados de comportamento para que novas maneiras de atuar e de pensar sejam possíveis e assim, novas respostas a problemas coletivos surjam.

Ainda que de maneira difusa e sem a expectativa de serem perenes, essas inovações nas respostas aos desafios rotineiros abrem espaço para rompimentos com modelos passados. Sua condição é essa mesma, a da experimentação.

“O conjunto da sociedade contemporânea, em sua complexidade e contraditoriedade, pode ser visto como um imenso *laboratório de ideias* para a vida cotidiana, onde modos de ser e de fazer se desdobram em novas questões e respostas inéditas. Isso corresponde exatamente ao que acabamos de definir com o termo *inovação social*: mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades” (MANZINI, 2008, p. 62)

Startups como Uber, cuja essência do serviço é a disposição de um proprietário de veículo, não profissional do transporte, em alugar

um espaço inutilizado no seu tempo/bem a terceiros, e AirBNB, mesmo raciocínio com o aluguel de espaços, são iniciativas como estas que deram certo, soluções para problemas cotidianos que envolviam mudanças de comportamento a partir de matéria prima e tecnologia já existente, por mais que posteriormente tenha sido desenvolvido novos aparatos necessários a um melhor desempenho.

A LLC, enquanto comunidade criativa, recria a práxis de uma instituição tradicional, que se desenvolveu junto com a sociedade como a conhecemos, mas que se propõe acessível, desburocratizada, pois o problema, a transformação de uma realidade de pobreza e violência, tornava necessário tirar qualquer tipo de barreira que suscitasse o distanciamento daqueles indivíduos.

O trabalho estava além do modelo tradicional de disponibilização da informação. Era necessário desenvolver empatia em relação àquela comunidade, antes mesmo de incentivá-la ao hábito da leitura. Somente a confiança de que a intenção era positiva e o resultado também poderia por parte daqueles indivíduos traria alguma possibilidade de sucesso à iniciativa.

Vemos no seu criador, Talles Azigon, a ocorrência do que Manzini chama de cidadão colaborativo, grupo de pessoas que colaborativamente resolvem problemas ou abrem novas possibilidades (e que novamente tornam-se coprodutores dos resultados obtidos).

Enquanto visitava a casa alugada, entraram dois meninos, moradores do bairro, para pegar livros. Tinham em torno de oito anos cada um e relataram ir frequentemente até o local para deixar o que pegaram antes e escolher exemplares novos. Um deles confessou não saber ler muito bem, mas que se divertia vendo as figuras.

A biblioteca preenche o tempo de lazer daquelas crianças e reconfigura o significado de um artefato relacionado ao ambiente escolar, mas que passa a fazer parte de um outro momento da sua rotina. Ao terem contato com essa mesma tecnologia na hora de se

divertirem, vê-se surgir novas possibilidades de subjetividades naqueles pequenos sujeitos, agora leitores.

Essas novas subjetivações são também objetivo da LLC, que pretende criar um universo de leitores. Tal pretensão aproxima a biblioteca do conceito de dispositivo de Foucault, apresentado por Agamben como

“Qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.” (AGAMBEN)

Um dispositivo se refere a uma práxis, a um conjunto de elementos, tangíveis e intangíveis, que vão orientar a maneira de agir dos indivíduos a partir da crença destes de que essas são regras corretas e que devem ser seguidas, ou seja, vão agir daquela maneira voluntariamente, ao mesmo tempo em que construirão sua subjetividade a partir dessas informações e condições.

Contudo, Agamben faz uma crítica à criação de dispositivos na contemporaneidade pelo caráter de dessubjetivação destes. Em outras palavras, por considerar que haverá regras sobre a forma de agir mas que não constituirão novas individualidades, mas apenas novos hábitos e obrigações, pois esvaziadas de sentido.

Não precisa haver cadastro algum para ter acesso aos livros. Essa condição estimula a aproximação exatamente pela desobrigação em estar ali. Ao mesmo tempo, o estímulo à circulação do livro aproxima o primeiro proprietário das demais pessoas do seu grupo e possibilita a criação de laços através do interesse comum sobre a obra.

Uma causa comum começa a ser desenvolvida, um clã que pode ser constantemente renovado pois está acessível tanto novas obras quanto a possibilidade de novos membros. É difícil não se envolver com algo que é tão espontâneo, com motivações nobres em um lugar carente.

Pode-se afirmar, também, que há uma sacralidade naquele livro, originário de doações. Há ali uma causa a ser suportada e as doações livres, sem compromisso, acabam gerando um estímulo para participar. Isso tudo afasta a possibilidade de uma dessubjetivação.

Investigações acerca da correlação entre consumo e cidadania apontam para movimentos de subjetivação em um campo até então acusado de alienação, como já foi o consumo.

Os estudos sobre esses dois campos apontam para um esgotamento dos espaços públicos e a ampliação das possibilidades de atuação enquanto cidadão, mesmo movimento encabeçado pela LLC ao vislumbrar-se como dispositivo de construção de novas subjetividades.

“Vincular o consumo com a cidadania requer ensaiar um reposicionamento do mercado na sociedade, tentar a reconquista imaginativa dos espaços públicos, do interesse pelo público. Assim o consumo se mostrará como um lugar de valor cognitivo, útil para pensar e atuar significativa e renovadoramente, na vida social.” (CANCLINI, 1998, p. 92)

Canclini trava este debate ao analisar a interculturalidade resultante das relações entre a América Latina e a América do Norte. Antes o nacional, o patriótico, era a materialidade utilizada para construir subjetividades, enquanto que hoje os bens e as experiências são produções transnacionais, que tiram de questão a necessidade de identificar o deles e o nosso.

Canclini se referia à hibridação das culturas, mas podemos pinçar a questão das experiências para reforçar o pensamento de que o contato com a biblioteca constrói novas subjetividades para além dos circuitos tradicionais.

“No entanto, quando se reconhece que ao consumir também se pensa, se escolhe e reelabora o sentido social, é preciso analisar como esta área de apropriação de bens e signos intervém em formas mais ativas de participação do que aquelas que

habitualmente recebem o rótulo de consumo(...). Se sim, será preciso aceitar que o espaço público transborda a esfera das interações políticas clássicas.” (CANCLINI, 1998, p.54-55)

Debates sobre o protagonismo do consumidor na construção de uma nova realidade devido aos impactos ambientais da vida moderna podem trazer reflexões aplicáveis à iniciativa da LLC.

Não é só no campo do consumo que esse protagonismo é exigido. Vemos a chamada do indivíduo sozinho, o cidadão, a agir pra transformar: nas passeatas, na escolha dos candidatos, na manifestação sobre o que não está bom. A falência do Estado, ou sua incapacidade em criar a sociedade utópica, gerou essa demanda por ação social. Não é mais aceitável “ficar na sua”, mesmo em um campo até então a serviço dos interesses individuais.

“Diversos autores exploram o uso de certas táticas dos consumidores – boicote, cooperativas de consumo, rotulagens etc. – como exemplos de *politização do consumo*. Ao analisar essas táticas, procuram refletir sobre diferentes formas de pressão política, mudando, porém, a arena dos conflitos, dos locais de trabalho para os locais de consumo.” (PORTILHO, 2005)

Ações difusas caracterizadas pela autorresponsabilidade são estudadas por essas novas correntes do consumo e guardam uma identidade com a ideia das comunidades criativas, pois contemplam a possibilidade de novas formas de ser, mesmo que num nível de experimentação, sem invalidar a iniciativa de mudança. Nas palavras de Portilho, “a imaginação moderna costuma vislumbrar apenas mudanças radicais, incapacitada de visualizar resultados intermediários e paradas temporárias no meio do caminho.” (PORTILHO, 2005, p. 168)

## **7 Considerações finais**

Esta é uma aproximação inicial com o projeto, e que suscitou diversas reflexões que pendem continuidade, aprofundamento e

ampliação dos debates e dos conceitos a serem aplicados. Contudo, percebe-se aí uma iniciativa com possibilidades de frutos. Portanto, que merece atenção.

Torna-se cada vez mais constante a atuação do cidadão para solucionar problemas coletivos, e, ao mesmo tempo, criar novas formas de conviver em sociedade de maneira sustentável, inclusiva e criativa. A LLC é fruto do seu tempo no sentido de que nasceu num momento histórico em que se percebe a pulverização de iniciativas de mesma natureza.

A continuação da pesquisa etnográfica pode elucidar melhor a dinâmica de funcionamento desse dispositivo. Seria interessante, também, acompanhar a circulação dos livros emprestados. Assim, poderá surgir uma realidade ainda mais complexa, coma chegada do exemplar a mãos de pessoas que ou não teriam condições de acesso mesmo sendo uma biblioteca livre (talvez presidiários ou doentes internados), ou que pertençam a regiões muito distantes do bairro, ou ainda poderá haver histórias sendo construídas a partir do contato com a obra.

São estas as possibilidades que enxergo, ainda que haja muitas outras a serem desveladas.

## 8 Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo**. In: O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade**. Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.